

MEC avalia ampliar Enem para países do Mercosul

Camilo Santana afirmou que objetivo é abrir as portas das universidades brasileiras para alunos estrangeiros já em 2026; provas seriam aplicadas na Argentina, Uruguai e Paraguai. O exame também vai substituir o principal teste de avaliação das escolas do país

O ministro da Educação, Camilo Santana, afirmou ontem que está expandindo o Exame Nacional de Ensino Médio (Enem) para países do Mercosul. Ele também declarou que a partir do ano que vem o teste substituirá o principal mecanismo de avaliação da educação básica no país. Os anúncios foram feitos após o encerramento do segundo dia de aplicação deste ano, realizada ontem, quando cerca de 70% dos 4,8 milhões de inscritos fizeram as provas de Matemática e Ciências da Natureza.

— Já solicitei ao Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) para ver a viabilidade de aplicar a prova do Enem nos países do Mercosul já em 2026 — afirmou o ministro.

A ideia do Ministério da Educação (MEC) é ter o teste em português nas cidades de Buenos Aires, Montevideo e Assunção, as capitais da Argentina, Uruguai e Paraguai, respectivamente, para estrangeiros e brasileiros que estejam nesses países. Os estudantes competiriam pelas mesmas vagas das universidades que estão no Sistema de Seleção Unificado (Sisu). Santana disse que ainda não há uma estimativa de impacto econômico da medida e que deseja ter dados mais concretos.

— Será uma coisa inédita, que tem sido cobrada do ministério. O tempo é curto para definir isso porque temos que resolver tudo já para as inscrições (o edital é publicado em maio). O Inep vai correr, vamos anunciar nos próximos meses do ano que vem se vai ser possível ou não, mas queremos muito pela primeira vez aplicar essa prova nos países do Mercosul — afirmou.

AMPLIAÇÃO DE VAGAS

O objetivo da expansão, segundo ele, é abrir as portas das universidades brasileiras para alunos dessa região. Santana disse que as obras da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila), em Foz de Iguaçu (PR), foram retomadas e deve ser concluída em 2026, em sincronia com a expansão do Enem.

— Para nós, é importante sabermos a expectativa de quantos alunos teríamos inscritos para a gente saber também a expectativa de



Vizinhança. Camilo Santana em coletiva após o encerramento da prova; ministro disse que a ideia do MEC é ter o Enem em português nas cidades de Buenos Aires, Montevideo e Assunção.

Segundo dia teve formato mais direto e questão sobre Ozempic

> O segundo dia do Exame Nacional de Ensino Médio (Enem) de 2020 voltou a priorizar ontem questões mais diretas e com o enfoque em conteúdos específicos. O formato foi na contramão do primeiro dia de exame, no domingo passado, marcado pelo maior texto já incluído em uma edição das provas desde 2009.

> Se, por um lado, o volume de textos foi menor, por outro, mais da metade da prova de Matemática possuía algum tipo de recurso imagético, como tabelas.

> O modelo mais objetivo apareceu tanto nos enunciados quanto nos textos de apresentação. O professor Diogo D'Impollito, coordenador de Vestibular do Colégio e Curso PH e autor do Sistema de Ensino PH.

> — Isso, sem dúvida, é um ponto extremamente positivo para os estudantes, que sempre sinalizaram a dificuldade de lidar com enunciados extensos, somados ao tempo limitado da prova — disse ele.

> Também observado principalmente na prova

de Química, segundo o professor Ademir Celidônio, diretor de Ensino e Inovações Educacionais do SAS Educação, o método subiu o nível da prova, tornando-a mais difícil em comparação a outros anos.

> — Quanto menos contexto, mais conteúdo da prova engaja — explicou ele.

> A professora Jade Cardoso, da Rede de Ensino Elite, ressaltou que a prova de ontem teve enfoque em conteúdos mais específicos, como observado ao

longo dos últimos anos, e aproximou o Enem de modelos usados por vestibulares estaduais, como o da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

> — Quando a prova é, como um todo, mais teórica e conceitual e vai além da interpretação de texto, estamos favorecendo o aluno que realmente estudou.

> Entre as 45 questões de Matemática e as 45 de Ciências da Natureza, foram abordados assuntos da atualidade, como a substância que

deu origem ao remédio de emagrecimento Ozempic, oriundo do veneno de um lagarto apelidado monstro-de-gila. Figuras do esporte, como o corredor jamaicano Usain Bolt, foram usadas como contexto para questões sobre o cálculo de velocidade.

> O segundo dia do Enem teve pelo menos cinco questões sobre meio ambiente, uma temática que costuma aparecer com frequência na prova de Ciências da Natureza. Neste ano, os candidatos precisaram responder sobre

mudanças climáticas e sobre medidas de separar a água do óleo em caso de poluição.

> Das 15 questões de Biologia, prevaleceram assuntos como mitigação do efeito estufa.

> A prova de Matemática deixou de fora alguns assuntos recorrentes no Enem, como progressão aritmética e geometria. No entanto, logaritmo, análise combinatória e probabilidade apareceram.

que seria necessário ampliar de vagas nas nossas universidades — declarou.

Responsável pela aplicação da prova, o presidente do Inep, Manuel Palácios, disse que está fazendo o exame em formato digital nos países vizinhos.

Já a utilização do Enem como principal prova para avaliação do ensino médio do país já foi definida para ser aplica-

da a partir do ano que vem.

Atualmente, os estudantes do final do ensino médio precisam fazer duas provas. Uma delas é a do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), que avalia a cada dois anos a aprendizagem de todas as escolas públicas do país, além de uma amostra das privadas. O resultado desse teste é um dos componentes da nota do Índice de

Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb). Depois, o aluno precisa fazer o Enem, que serve para selecionar os que tiram as maiores notas para o ensino superior.

A partir de 2026, Camilo Santana definiu que os alunos farão uma prova só, a do Enem, que vai servir para as duas tarefas. Essa é uma ideia anunciada no final do Enem de 2024, que tem

apoio entre secretários de Educação do país. A avaliação desse grupo é que o aluno motivado para ir bem na prova do Enem, já que ele concorre por ali a uma vaga no ensino superior, pode aumentar o Ideb das redes.

— O Saeb vai continuar para os outros anos, mas no terceiro ano do ensino médio será o Enem. Por que isso? Primeiro que vai ser to-

do ano e depois, para fazer a prova do Saeb e fazer a prova do Enem, muitas vezes o aluno estava desmotivado — afirmou Camilo Santana.

Andressa Pufal, Bernardo Lima, Bruno Alfano, Carol Campos, David Batista, Lauriberto Pompeu, Leticia Guimarães, Livia Mendes, Rafaela Gama, Samuel Lima, Sérgio Roxo e Thiago Paiva

ANTÔNIO GOIS



antonio.gois@oglobo.com.br



A relevância do diploma

“O mercado é cada vez mais exigente, mais seletivo e menos apegado aos diplomas. O diploma tem cada vez menos relevância; a competência, cada vez mais. O mercado quer saber: quais são suas habilidades — e não apenas onde você se formou.” Essa declaração foi dada pelo governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, em discurso, na semana passada, num evento de anúncio de ampli-

ação de vagas em escolas técnicas paulistas. Políticos de todos os matizes, por estarem sempre expostos e fazendo uso da palavra, com frequência cometem gafes, equívocos ou simplificações em temas complexos.

Discute-se muito — no mundo todo, e não é de hoje — se instituições de ensino estão cumprindo devidamente uma de suas funções mais relevantes, que é a preparação para o mercado de trabalho. É um debate sério, que precisa mesmo ser feito. Mas um dos riscos de simplificações como as cometidas pelo governador é de passar uma mensagem de desincentivo ao estudo. E ter um diploma, especialmente o universitário, em média, ainda faz muita diferença no mercado de trabalho. Só que alguns importam mais do que outros.

Em setembro, a OCDE divulgou seu relatório anual Education at a Glance, mostrando, mais uma vez, que o Brasil vem dos países com maiores diferenciais de renda em favor de quem possui diploma universitário. Por aqui, a renda média desse grupo é 148% superior em relação a quem completou apenas o nível médio. Na média da OCDE, a diferença é de 54%. Além de

um rendimento maior, diplomados em nível superior apresentam também taxas menores de desemprego, de acordo com o IBGE.

Mas, como argumentei sobre o tema há dois meses neste espaço, o dado da OCDE não permite concluir que esse alto diferencial na renda seja somente por causa da obtenção de um diploma. Estudos recentes e feitos com uma metodologia mais precisa trazem estimativas mais realistas sobre o impacto da conclusão de uma graduação.

Além de um rendimento maior, diplomados em nível superior apresentam taxas menores de desemprego, segundo o IBGE

— Ao fazerem esse exercício mais sofisticado, por exemplo, Fernanda Estevan (FGV) e coautores estimam que o prêmio salarial do diploma universitário é de 31% para quem fez universidade pública, e de 17% para instituições

privadas. São percentuais bem menores do que o registrado na simples comparação de médias, mas ainda significativos. Só que o retorno varia muito de acordo com o curso, sendo algumas áreas de alto valor agregado, e outras com baixo ou mesmo nulo retorno. Outros estudos também concluem que a modalidade (presencial ou à distância) é relevante. Em resumo, essas pesquisas indicam que o impacto do diploma na renda do trabalho formal vai variar muito de acordo com o curso, instituição e a modalidade, entre outros fatores.

Voltando à fala de Tarcísio, não há dúvida que grandes empresas procuram, em seus processos de recrutamento, avaliar o potencial dos candidatos para além dos diplomas. Mas, em geral, elas tampouco abrem mão de determinar — até como critério de corte para facilitar a triagem dos candidatos — qual a escolaridade mínima exigida. Aliás, o próprio governo de São Paulo — maior empregador do estado — faz isso em seus concursos públicos. O diploma pode não ser suficiente, mas (tê-lo em mãos ainda representa uma vantagem no mercado de trabalho.